

63. O coronavírus veio para destruir

Fani Felipe

Olá! Me chamo Fani Felipe, tenho 24 anos, sou da etnia Karipuna, moro na Aldeia Bastião, região Curipi, na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque. Hoje vou falar como a pandemia vem afetando a minha vida e falar das consequências. Eu moro com a minha mãe, de 75 anos, tenho 2 irmãos. Eu perdi meu pai há uns 10 anos por causa de uma doença grave. Quando iniciou a pandemia da COVID-19 era tudo distante, um outro mundo, eu não fazia ideia que iria atingir as nossas aldeias. Quando atingiu o Brasil comecei a ficar preocupada, mesmo sabendo que estávamos distantes, em uma área indígena. Eu via na TV que esse vírus chegou com força em São Paulo matando, principalmente, os idosos. Com o decorrer do tempo deu para perceber que o novo coronavírus não escolhe os velhos, qualquer jovem pode vir a óbito, o coronavírus veio para destruir.

Quando fui contaminada senti muita dificuldade, continuo sentindo, fiquei doente, tive febre por quatro dias, sentia muita dor no corpo, principalmente na lombar, mas, provavelmente, me curei com os remédios tradicionais do nosso povo. Minhas duas primas ficaram doentes e isso deixou toda a família preocupada porque elas apresentavam mais sintomas do que eu. Graças a Deus minha mãezinha está super bem, ainda não apresentou nenhum sintoma, ela tem respeitando as orientações médicas.

O coronavírus trouxe muitas mudanças na nossa tradição, costumes, crenças, religião e na nossa cultura de modo geral, ele mudou a nossa rotina, nossa forma de comunicação com amigos e parentes. Eu mesma senti dificuldade em ter que usar máscara e álcool em gel, algo que não estava na minha rotina, mas é obrigatório na minha aldeia. Eu tomo todo o cuidado possível devido a minha mãe, que está na faixa de risco, é preciso muito cuidado porque esse vírus não contamina somente com um aperto de mão, ele também está presente nas coisas que a gente compra, até mesmo nas nossas roupas e cabelo. Aqui na nossa região já perdemos alguns membros muito importantes, que vão deixar muitas saudades.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

16 de julho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza